



SOCIALISMO E ANARQUISMO: LIMA BARRETO¹

Denise Adélia VIEIRA*



Teresinha Vânia Zimbrão da SILVA**

RESUMO

Este trabalho procurará contar alguns capítulos da história do socialismo e do anarquismo na literatura brasileira da *Belle Époque*, no que diz respeito ao escritor Lima Barreto. Mostraremos a chegada ao Brasil das ideias marxistas, do socialismo, do anarquismo e dos ideais da Revolução Russa. Estudaremos as referências explícitas de Lima Barreto a estes ideais revolucionários.

Palavras-chave: Socialismo. Anarquismo. Lima Barreto.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, que se intitula Socialismo e anarquismo: Lima Barreto, é parte de uma pesquisa que se propôs contar alguns capítulos da história do socialismo e do anarquismo nas letras brasileiras da *Belle Époque*. Iniciaremos com a chegada das ideias marxistas ao Brasil no final do século XIX e, em seguida, a chegada do socialismo e anarquismo. Registraremos as referências ao anarquismo explícito de

¹ Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado intitulada, **A Literatura, A Foice e o Martelo**, da autoria de Denise Adélia Vieira, sob a orientação da Profa. Dra. Teresinha V. Zimbrão da Silva, defendida em 2004 no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

* Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutoranda em Letras pela mesma Instituição. Professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas (Campus Juiz de Fora).

** Doutora em Literatura pela University of Newcastle Upon Tyne. Pós-doutora em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Lima Barreto e finalizaremos com o impacto da Revolução Russa no Brasil e a sua recepção por Barreto.

1. MARX CHEGA AO BRASIL

*No atual estágio da investigação historiográfica é impossível determinarmos, com precisão quando foi feita a primeira referência pública a Karl Marx no Brasil.
(Leandro Konder, 1988, p. 67)*

Verifica-se que, embora o discurso inaugural redigido por Marx na primeira Associação Internacional dos trabalhadores em 28 de setembro de 1864, tenha sido um impulso para a disseminação de suas idéias, foi somente com a Comuna de Paris de 1871, que o nome de Marx se difundiu por todo o mundo.

O movimento parisiense, sintetizando inúmeros aspectos políticos e sociais presentes na Europa daquela época, possibilitou que o nome do teórico socialista fosse conhecido pelos intelectuais brasileiros, tal a repercussão que teve a sublevação européia. Registram-se, em 1871, no Rio de Janeiro, debates e divergências quanto à doutrina de Marx. Políticos do Império polemizaram acerca da implantação e dos fundamentos teóricos do comunismo, considerado, em um pré-juízo, como o "cancro" do mundo moderno.

À margem das divergências ideológicas entre os políticos do Império, o episódio da Comuna recebeu dos estudantes universitários em São Paulo uma conotação parodística. Buscando uma maneira de intimidar a **burguesia**, os estudantes batizavam suas repúblicas com o nome de Comuna. Eram designados comunistas os manequins introduzidos nas sacadas dos prédios estudantis. Na verdade, tratava-se de uma brincadeira estudantil, sem nenhum selo marxista. Por essa época, registraram-se também na imprensa brasileira as primeiras idéias marxistas. Em 1872, o jornal republicano do Recife, **Seis de Março**, publicou em dois números um estudo feito na Espanha sob o título As doutrinas do Dr. Carlos Marx. Talvez tenha sido esta a primeira vez que o nome de Marx apareceu em um jornal brasileiro.

No curso das discussões sobre as idéias marxistas, salienta-se a referência de Joaquim Serra, poeta e jornalista republicano, em 1879, ao autor de **O Capital**. Em uma

nota publicada no jornal **A Reforma**, o parlamentar registrou as discussões na imprensa europeia em torno da Comuna:

O Sr. Karl Marx, chefe da Internacional, cuja sede é em Londres acaba de escrever ao Times, declarando que a asserção apresentada ao Daily News de que a Associação recomendou aos rústicos franceses que incendiassem os palácios é de todo o ponto falsa, afirmando, outrossim, que todas as proclamações contendo infames sugestões, publicadas em Paris em nome da Internacional, depois de 18 de março, são apócrifas (SERRA apud KONDER, 1988, p. 69).

O filósofo, jurista, jornalista e poeta Tobias Barreto também referiu-se ao pensador alemão. Em 1874, ele o cita no ensaio, *Socialismo em Literatura a Internacional de Karl Marx*. Em 1883, no discurso de Colação de Grau de Bacharéis na Faculdade de Direito do Recife, o poeta pernambucano referiu-se novamente a Marx: "Karl Marx diz uma bela verdade quando afirma que cada período tem suas próprias leis... Logo que a vida atravessa um dado período evolutivo, logo que passa de um estádio a outro, ela começa também a ser dirigida por leis diferentes". (BARRETO apud MORAES, 2003, p. 217). Sempre interessado nas idéias propagadas na Alemanha, Barreto recebeu de lá um exemplar do primeiro volume d' **O Capital**.

O ano de 1883 também foi marcado por um acontecimento significativo: a morte de Marx. A **Gazeta de Notícias** do Rio, publicou na seção Daqui e dacolá, a 16 de abril de 1883 um breve necrológio do ilustre finado. Rui Barbosa citou o autor do **Manifesto Comunista** em 1884; Sílvio Romero o fez em 1894. Ambos criticaram as idéias de Marx. Para Rui Barbosa, os socialistas corromperam a noção científica da propriedade e, para Sílvio Romero, Marx era representante de uma tendência para sacrificar o indivíduo ao social. Teriam estes intelectuais lido Marx? Tobias Barreto o teria feito, em alemão. Os demais, provavelmente não.

Nos últimos anos do século XIX e na primeira década do século XX ainda era extremamente difícil conhecer com precisão a obra de Marx no Brasil. Havia um despreparo doutrinário, pois até então nenhum livro de Marx ou Engels fora traduzido para o português. O estudo efetivo de Marx, apesar de alguns exemplos isolados, somente tomou fôlego no país depois de 1930, quando houve divulgação de sua obra, quer em línguas estrangeiras quer em traduções.

2. A CHEGADA DOS SOCIALISTAS E DOS ANARQUISTAS AO BRASIL

A maciça imigração europeia, no final do século XIX e no início do século XX, deu um impulso decisivo à divulgação das idéias socialistas e anarquistas no Brasil. Em geral, o destino dos imigrantes acabava sendo as fazendas de café, mas muitos deles deixaram o meio rural e se estabeleceram nas cidades, onde engrossaram a mão-de-obra industrial. Alguns já chegavam ao país com o firme propósito de trabalhar nas fábricas como operários e técnicos. Sob muitos aspectos a imigração acabou aumentando o número de trabalhadores nas indústrias que se expandiam e provocou profundas mudanças políticas no Brasil.

Os imigrantes, provindos principalmente do sul da Europa, trouxeram a sua experiência de luta e de organização, de pensamento e de reivindicação. Os baixos salários oferecidos pelos fazendeiros e pelos incipientes industriais levaram os trabalhadores a se aproximarem das idéias anarquistas e socialistas, muitas vezes expostas por companheiros de trabalho que a elas se devotaram em suas pátrias, antes de serem deportados e acusados de participarem de insurreições e atentados terroristas.

Tal como no sul da Europa, o anarquismo tornou-se aqui mais forte que o socialismo. Em 1872, a partir da ruptura entre Marx e Bakunin por divergências ideológicas, cresceu a influência de Bakunin na Itália, em Portugal e, sobretudo, na Espanha. Barcelona, a maior cidade industrial da Espanha, era conhecida como a capital ou **viveiro** do anarquismo. Estes países deram vários anarquistas ao Brasil, fortalecendo o movimento recém organizado.

Já os socialistas que aportaram no Brasil encontraram dificuldades para organizar um partido político para os trabalhadores. A incipiência do proletariado urbano e a condenação anarquista da fundação de qualquer partido político constituíam sérios obstáculos aos seus projetos.

Apesar das muitas diferenças entre os militantes socialistas e anarquistas, havia entre eles elementos ideológicos comuns. O ponto de partida de suas doutrinas era sempre a crítica ao capitalismo e a defesa de uma sociedade baseada na igualdade social. Chegaram a se aliar, em uma missionária tentativa de convencer operários a

ingressarem em associações trabalhistas a fim de enfraquecerem as fortes instituições existentes – o governo, os partidos políticos conservadores e a Igreja Católica – e reivindicar melhores condições de trabalho.

3. O ANARQUISTA LIMA BARRETO

O maior de todos os brasileiros influenciados pelo Anarquismo foi Lima Barreto.

(Vamireh Chacon, 1965, p. 34)

Desde os primeiros anos do século XX, Lima Barreto deixou clara sua posição libertária, independente de paixões partidárias. Como colaborador da imprensa anarquista, fundou, em 25 de outubro de 1907, a revista *Floreal*, para a divulgação dos ideais libertários. Sua adesão ao anarquismo ocorreu em 1913, em artigo intitulado “Palavras de um Snob Anarquista”, publicado em 15 de maio no jornal *A Voz do Trabalhador*. Escrevendo, sob o pseudônimo de Isaías Caminha, em defesa das reivindicações operárias, Barreto afirma:

[...] teimam... também os jornais em encontrar nessa questão da reforma social um simples questão de salário. É uma teima que lhes fica bem, mas, é preciso que se lhes diga, não é das mais dignas, nem das mais brilhantes. Há em tal questão, mais uma questão de dignidade humana, de direito que têm todos a encontrar na terra felicidade e satisfação, do que mesmo desejo de um maior ou menor ganho. O que não é justo, é que poucos possam encontrar na vida mais que o supérfluo, e alguns mais, o unicamente o necessário. (BARRETO, 1961, p. 216)

O autor esclarece ainda:

Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas; e se há muitos que o são por ignorância ou "esnobismo" consoante o dizer do jornalista conservador, mesmo assim merecem simpatias dos desinteressados, porque não usam daquelas ignorâncias nem daqueles "esnobismos" que dão gordas sinecuras na política e sucessos sentimentais nos salões burgueses (BARRETO, 1961, 218).

Mas sua posição libertária não parou aí. Manifestou-se contra a guerra, atacando violentamente o militarismo, e apoiou, incondicionalmente, o movimento operário como

escritor e jornalista. Revoltou-se contra a plutocracia paulista que mandava sua polícia invadir lares humildes de trabalhadores, altas horas da noite, maltratando mulheres e crianças.

4. A REVOLUÇÃO RUSSA E O BRASIL

A Revolução Russa de novembro de 1917, com a tomada do poder pelo Partido Bolchevique, dirigido por Lênin, teve uma repercussão decisiva no Brasil: pode-se dizer que ela deu início a um período novo na difusão das idéias de Marx entre nós.
(Leandro Konder, 1988, p.117)

O Brasil tinha acabado de entrar na Primeira Guerra Mundial quando chegaram as notícias sobre a Revolução bolchevista. As informações chegavam à imprensa brasileira por meio de telegramas, contudo não dava para saber direito o que estava acontecendo na Europa. Termos como comunistas, leninistas, bolchevistas e maximalistas eram usados para designar os revolucionários.

Em um primeiro momento, até Rui Barbosa recebeu a Revolução Russa com simpatia, julgando-a liberal por haver derrubado a tirania czarista. Os anarquistas também a saudaram como se tivessem obtido êxito em suas convicções revolucionárias. Com o passar do tempo, verificou-se que do anarquismo operário e do positivismo intelectual somente uns poucos passaram de fato ao comunismo.

O impacto da Revolução Russa no Brasil foi registrado por Otávio Brandão, um comunista, anteriormente anarquista. Em seu livro de memórias **Combates e batalhas** (1978) ele escreve sobre a reação do anarquismo brasileiro às notícias sobre a Rússia: “No Brasil, a princípio, os anarquistas apoiaram a revolução socialista na Rússia. Imaginaram que ela fosse de caráter anarquista. Depois, veio o desengano. Passaram a atacar violentamente a revolução socialista” (BRANDÃO, 1978, p. 211). Brandão relata também suas primeiras impressões sobre os revolucionários socialistas:

Na Rússia, triunfou a revolução socialista, com Lenin e o partido bolchevista à frente! Fiquei sério, pensativo, impressionado. Que seria? Como compreender a revolução socialista? Qual seria a sua significação profunda e complexa? Na época, não tinha nenhuma condição para compreender a significação profunda da obra de Lênin (BRANDÃO, 1978, p.115).

Interessado em pesquisar quem era Lenin, o que era o marxismo, Brandão registra as raras fontes de referência à obra de Marx:

Em Maceió, em 1917-1919, o ambiente era muito atrasado. Procurei livros e pessoas que me orientassem sobre os problemas sociais, Lênin, o marxismo e a revolução socialista na Rússia. Só encontrei o velho livro de 1882, Rússia subterrânea de Stepniák (Kravtchínski), sobre os chamados niilistas e o Narôdnaia Volia. Nada mais (BRANDÃO, 1978, p. 124).

O autor não encontra respostas para seus questionamentos sobre a revolução socialista na Rússia: “Quem é Lênin? Que é o marxismo? Que significa a Revolução Socialista na Rússia? Não obtive nenhuma resposta concreta até 1922. Tudo vago, incerto. Ou completamente errôneo. Na época, ninguém conhecia o marxismo no Brasil. Que atraso!” (BRANDÃO, 1978, p.135).

Brandão, ao citar seu próprio artigo intitulado **O Apelo à Revolta** e publicado em **A Semana Social**, a 27 de outubro de 1917, mostra sua inclinação para o filão de leituras sobre a Rússia de Lenin, destacando o romance **A Mãe** (1907), de Máximo Gorki, o escritor que se tornou símbolo da Revolução de Outubro: “O romance *A Mãe*, de Máximo Gorki, aparece como um grito à Revolta, como um clarim vibrando sonoro no meio da debandada” (BRANDÃO, 1978, p. 113). E ainda tece os seguintes comentários sobre esse artigo:

No apelo, comparei o Norte do Brasil à Rússia Tzarista, mergulhada na mais profunda miséria. Estigmatizei a ganância dos comendadores capitalistas. Denunciei os abutres da politicalha. Condenei a hipocrisia de uns, a sujeição e a passividade de outros, a apatia moral e a falta de solidariedade de terceiros. Chamei o povo a protestar. (BRANDÃO, 1978, p. 113-114)

O autor, ainda no artigo, faz o seguinte apelo: “Pavel, meu herói sem nome! Que a tua palavra obscura tremule sobre a terra brasileira, levante-a num ímpeto estupendo e sobre sobre ela um clarão de revolta!” (BRANDÃO, 1978, p. 114).

É interessante notar a presença do escritor russo Gorki no Brasil já nas primeiras décadas do século XX. Do romance **A Mãe**, sabe-se que existe uma tradução do início do século, publicada em edição luso-brasileira, cujo prefácio francês é de 1907. Em São Paulo, o surgimento do Grupo Dramático Máximo Gorki, em 1913, confirma a simpatia que o escritor russo despertava entre nós, mesmo antes da revolução bolchevique.

Além do desconhecimento do marxismo pelos brasileiros, Otávio Brandão sublinha os **equivocos** divulgados pela imprensa sobre a revolução socialista na Rússia:

[...] as informações a respeito da revolução na Rússia eram vagas, incertas e muito insuficientes, quando não torpes. Não se podia adquirir um conhecimento exato e profundo dos acontecimentos. Ninguém tinha uma base marxista para compreendê-los a fundo. A notícia da revolução socialista na Rússia provocou, no Brasil, o ódio bestial, o pânico e o estupor no seio dos grupos imperialistas, dos latifundiários e da grande burguesia, com seus jornalistas e intelectuais. Desencadearam campanhas furiosas de calúnias e falsificações contra a revolução e os bolchevistas, que eles chamavam maximalistas (BRANDÃO, 1978, p. 165).

Contudo, se a burguesia odiou a revolução, os trabalhadores a saudaram com entusiasmo. No Rio de Janeiro, em 1º de maio de 1919, 60 mil trabalhadores desfilaram pela Avenida Rio Branco dando vivas a Lenin e à revolução socialista na Rússia.

5. A Revolução Russa e Lima Barreto

Nenhum dos outros (escritores) soube como êle penetrar o sentido profundo dos acontecimentos que se desenrolavam aos olhos de todos. Nenhum dos outros foi capaz de perceber a importância histórica da revolução russa de 1917, e nenhum deles pode rivalizar com Lima Barreto no que se refere ao instinto seguro da sua visão relativamente aos problemas políticos e sociais do pós-guerra.
(Astrojildo Pereira, 1991, p. 52)

Lima Barreto afinava com a grande euforia dos militantes anarquistas que tomaram a frente da propaganda da Revolução Russa no Brasil e exortaram o triunfo do bolchevismo, congregando novos adeptos para o chamado programa maximalista de Lenin. O autor de **Triste fim de Policarpo Quaresma** acolhia as mudanças que seriam propiciadas pela fundação revolucionária do comunismo no Brasil, e se referia ao maximalismo como portador de reformas possíveis dentro de cada sociedade.

A significação histórica da Revolução Russa de 1917 e suas consequências para o mundo foi um tema que Lima Barreto debateu em muitos de seus artigos. No Ajuste de Contas, (01/05/1918), Barreto elabora uma espécie de manifesto político e de programa revolucionário, e expõe suas idéias inspiradas na Revolução de Outubro, propondo medidas que, a seu ver, viriam solucionar os problemas políticos e sociais de seu tempo:

A propriedade é social e o indivíduo só pode e deve conservar, para êle, de terras e outros bens tão-sòmente aquilo que precisar para manter a sua vida e de sua família, devendo todos trabalhar da forma que lhes fôr mais agradável e o menos possível, em benefício comum [...] terminando êste artigo, que já vai ficando longo, confesso que foi a revolução russa que me inspirou tudo isso (BARRETO, 1956, p. 90).

No artigo **Da Minha Cela** (25/11/1918), redigido na época em que Barreto se encontrava internado para tratamento de saúde, o escritor manifesta-se enfaticamente contra o repúdio burguês à Revolução Russa :

Esse ódio ao maximalismo russo que a covardia burguesa tem, na sombra, propagado pelo mundo; essa burguesia cruel e sem coragem, que se embosca atrás de leis feitas sob a sua inspiração e como capitulação diante do poder do seu dinheiro; essa burguesia vulpina que apela para a violência pelos seus órgãos mais conspícuos, detestando o maximalismo moscovita, com razão de estado; esse ódio - dizia - não se deve aninhar no coração dos que têm meditado sobre a marcha das sociedades humanas. A teimosia dos burgueses só fará adiar a convulsão que será então pior, e êles se lembrem, quando mandam cavilosamente atribuir propósitos iníquos aos seus inimigos, pelos jornais irresponsáveis; lembrem-se que, se dominam até hoje a sociedade, é à custa de muito sangue da nobreza que escorreu da guilhotina, em 93, na Praça da Grève, em Paris. Atirem a primeira pedra (BARRETO, 1956, p. 103).

Em outro artigo, **Vera Zassúlitch** (14/07/1918), Barreto explicita o seu desejo de ver uma revolução no Brasil:

Não posso negar a grande simpatia que me merece um tal movimento; não posso esconder o desejo que tenho de ver um semelhante aqui, de modo a acabar com essa chusma de tiranos burgueses, acorados covardemente por detrás da Lei. [...] Precisamos deixar de panacéias; a época é de medidas radicais. Não há quem, tendo meditado sobre esse estupendo movimento bolcheviquista (sic), não lobrigue nele uma profunda e original feição social e de um alcance de universal amplitude sociológica. (BARRETO, 1956, p. 72-74)

Meses depois, no artigo **Sobre o Maximalismo** (01/03/1919), reconhece que a revolução no Brasil teria que encontrar suas próprias fórmulas e medidas:

Lembrei tudo isto, porquanto tendo há quase um ano, como já disse, deitado uma espécie de manifesto maximalista, estou na obrigação e me julgo sempre obrigado a seguir o que aqui se disser a respeito dos ideais da revolução russa em que me baseei naquele meu escrito. Digo ideais e não as fórmulas e medidas especiais, porquanto, desde o começo, tinha visto que elas não podiam ser as mesmas em todos os países (BARRETO, 1956, p. 161).

Na crônica **Memórias de Guerra** (17/04/1920), Barreto faz a seguinte referência a Lenin: "É êste o grande homem do tempo, que preside, com tôda a audácia, uma grande transformação social da época..." (BARRETO, 1961, p. 186), Escrevia isto, em um momento em que toda a grande imprensa se posicionava contra o líder da Revolução de Outubro.

Sob o título **Palavras dum simples** (22/07/1922), defende sua posição em face das facções políticas que se digladiavam na arena nacional:

Seria capaz de deixar-me matar, para implantar aqui o regímem maximalista; mas a favor de Fagundes ou de Brederodes não dou um pingo do meu sangue.Tenho para mim que se deve experimentar uma 'tábua rasa' no regímem social e político que nos governa; mas mudar só de nomes de governantes nada adianta para a felicidade de todos nós (BARRETO, 1961, p. 59).

Barreto morreria em 1922, defendendo os ideais da Revolução de Outubro. Ele foi o primeiro grande escritor brasileiro a saudar a Revolução Russa. Sabe-se, com efeito, que defendia a criação de uma literatura que conjugasse a grandeza estética com um profundo espírito popular e democrático. Seus escritos dão testemunho de uma aberta tomada de posição em favor dos desassistidos moral e materialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs contar alguns capítulos da história do socialismo e do anarquismo nas letras brasileiras da *Belle Époque*, no que diz respeito ao escritor Lima Barreto. Ao longo deste trabalho, e da pesquisa de que ele faz parte, constatamos que há muito ainda que ser estudado sobre o tema, estamos contando somente umas poucas páginas dessa história, que constitui um campo de estudos férteis ainda a espera de ser propriamente cultivado.

SOCIALISM AND ANARCHISM: LIMA BARRETO

ABSTRACT

This work will try to tell some chapters in the history of socialism and anarchism in Brazilian Literature during the *Belle Époque*, concerning the writer Lima Barreto. We will show the arrival in Brazil of Marx's ideas, of socialism, of anarchism and the ideals of Russian Revolution. We will study Lima Barreto's explicit references to these revolutionary ideals.

Keywords: Socialism; Anarchism; Lima Barreto.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. **Feiras e Máfuas**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. **Bagatelas**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. **Impressões de Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas**: São Paulo: Alfa-Omega, 1978. (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais. Série 1^a. Política, v. 5).

CHACON, Vamirett. **História das Idéias Socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1965.

GORKI, Máximo. **A Mãe**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.

KONDER, Leandro. **Derrota da Dialética**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). **História do Marxismo no Brasil**: o impacto das revoluções. 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2003. v. 1.

PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis**: Ensaio e Apontamentos Avulsos. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.